



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

03 de julho de 2017

A Notícia Claudio Loetz

“As bases para a economia do futuro”

As bases para a economia do futuro / Joinville / ISS / Competitividade / Danilo Conti / Parques tecnológicos / Universidade Federal de Santa Catarina / Senai / Imposto sobre Serviços / Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável



LIVRE MERCADO
Claudio Loetz
claudio.loetz@an.com.br

NOTÍCIAS
13

SEGUNDA-FEIRA - 3/7/2017

(47) 3419-2171

AN

As bases para a economia do futuro

JAKSSON ZANCO, DIVULGAÇÃO

Quem pensa e se preocupa com o desenvolvimento de Joinville, reconhece: é fundamental que o município se prepare para uma nova realidade econômica já nos próximos anos, dada a velocidade exigida pelas transformações sociais, comportamentais tecnológicas a que as sociedades e os negócios serão submetidos.

Nesta perspectiva, há uma enorme quantidade de *post its* colados em paredes inteiras do amplo salão onde funciona a Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável (no prédio da antiga Prefeitura). Lá é o coração da equipe técnica, que está elaborando um novo programa de competitividade para o município de Joinville continuar a ser atraente aos olhos de investidores, tanto locais quanto de fora.

Nesta entrevista, o secretário Danilo Conti explica os pontos centrais da proposta que está sendo finalizada. O futuro modelo prevê um novo formato para o ISS, e, ainda, a concessão de vantagens a empreendimentos com foco em segmentos identificados como prioritários. A seguir, os principais trechos da conversa.



“

A ideia é montarmos um programa bem agressivo de atração de novos negócios. Os benefícios serão dados de acordo com as características dos projetos de inovação apresentados.

Está claro que Joinville precisa se reinventar para permanecer competitiva aos olhos de investidores. O modelo econômico industrial, que permitiu a expansão do município desde os anos 60 do século passado, e que pouca revisão teve ao longo de seis décadas, se esgotou. O que está se fazendo para Joinville não ficar para trás?

Danilo Conti – Está em gestação um novo programa de competitividade para a cidade se inserir, de vez, entre os municípios aptos a conquistar empreendimentos focados nas tecnologias direcionadas a atividades contemporâneas. Perseguiremos, com grande predominância, empreendimentos para as áreas da chamada “life science”, como fármacos, biotecnologia, saúde. Outra vertente de negócios que interessa muito atrair é a do campo da tecnologia da informação (TI), bem como nanotecnologia, economia verde e economia criativa.

Essas linhas gerais já estavam, de certo modo, dadas no primeiro mandato do prefeito. Efetivar, na prática, as ideias não é simples.

Danilo – Tudo é um processo em construção. Estamos nele.

O novo programa de competitividade vai mapear regiões específicas da cidade para os diferentes tipos de negócios?

Danilo – Sim. Essa é a ideia. Pretendemos criar condições para que: 1 – os parques tecnológicos fiquem na região Sul, perto do espaço do futuro campus da Universidade Federal de Santa Catarina; 2 – O previsto distrito tecnológico deverá ser erguido no entorno das universidades e do Senai, na região Norte; 3 – No Centro, vão ficar as atividades ligadas à economia criativa. Os espaços imaginados são a Cidadela Antarctica; e também em torno da rua do Príncipe. A intenção é reunir arquitetos, designers, artistas e outras categorias de profissionais alinhados à cultura e prestação de serviços imaginativos. Também pensamos em aproveitar espaços na estação ferroviária.

Algum pacote de vantagens será editado para trazer empreendimentos focados nestes variados setores econômicos listados pelo senhor, no início da conversa?

Danilo – A ideia é montarmos um programa bem agressivo de atração de novos negócios. O pacote de benefícios deverá ter períodos de carência para pagamento de Imposto sobre Serviços (ISS). Os benefícios serão dados de acordo com as características dos projetos de inovação apresentados. Os detalhes e o formato definitivo do pacote ainda vão passar por um pente fino antes de ser completamente definido e, então, entregue à apreciação do prefeito.

“

Essas conversas já correm há muitos meses. Embora essas ideias expostas não sejam definitivas, este é um esboço bastante bem formulado.

Que órgãos estão cuidando do documento?

Danilo – Logicamente, a Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável, a da Fazenda; a Procuradoria do município e todos aqueles que tiverem ligação com os tópicos levantados.

Que outros segmentos deverão ganhar vantagens para sediar suas atividades em Joinville?

Danilo – Não se trata bem de outros setores. O que também desejamos é estimular os projetos de empresas-âncoras naqueles setores econômicos já referidos na nossa conversa. O objetivo, no caso, é ampliar a cadeia de valor mediante, também, apoio a grupos empresariais maiores, de modo que sejam irradiadores do crescimento.

Quais efeitos são esperados com a adoção dessa política de atratividade?

Danilo – O efeito disso – esperamos – será o de dar impulso à economia, num estágio novo e transformador das sociedades. E, claro, viabilizar, adiante, o aumento da arrecadação de ISS. Garantir maior fatia de tributos próprios no bolo geral da receita

municipal será essencial para as finanças municipais no futuro.

O formato do modelo de tributação do ISS poderá ter novidades?

Danilo – É possível. Pensamos na criação de um ISS criativo, com descontos na cobrança do imposto, proporcional e vinculado ao incremento de receita aos cofres municipais que os novos negócios gerarem. Outra ideia é conceder abatimento de ISS para aquelas empresas que, de fato, fizerem: 1 – relevantes investimentos na cidade; 2 – que ajam fortemente em capacitação de pessoas; 3 – promovam melhorias em infraestrutura; 4 – dediquem-se a áreas de softwares e consultorias; e 5 – todas as empresas precisarem estar, pelo menos, seis meses ativas na cidade.

Essas diretrizes já estão todas decididas?

Danilo – Não ainda. Estamos conversando muito. Explico: os técnicos das Pastas do Planejamento Urbano e Desenvolvimento; Fazenda e a Procuradoria, entre outras, analisam o assunto com cuidado. Conversamos intensamente. Tanto internamente, quanto recolhendo sugestões de fora, ouvindo pessoas que podem auxiliar para encontrarmos o texto final mais adequado.

Quando o projeto pronto deverá ser conhecido?

Danilo – Essas conversas já correm há muitos meses. Embora essas ideias expostas não sejam definitivas, este é um esboço bastante bem formulado ao longo de muitos e muitos meses. E com boas chances de vários destes aspectos serem confirmados. Desejamos finalizar o texto até setembro, se possível.

Notícias do Dia Entrevista

“As regras do jogo mudam muito”

As regras do jogo mudam muito / UFSC / Plano Diretor de Florianópolis / Samuel Steiner dos Santos / Departamento de Arquitetura e Urbanismo / IpuF / Estatuto das Cidades / Cesar Souza Júnior

Editor
FABIO GADOTTI
fabio.gadotti@noticiasodia.com.br

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SEGUNDA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 2017

Entrevista.23

“As regras do jogo mudam muito”

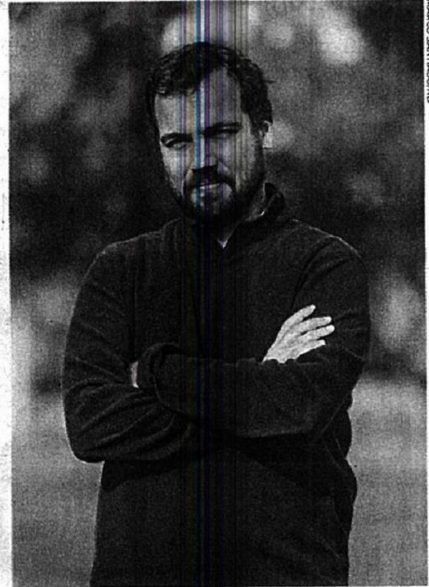
Professor da UFSC que faz parte do núcleo gestor fala sobre o novo Plano Diretor

FABIO GADOTTI
fabio.gadotti@noticiasodia.com.br

Integrante do núcleo gestor do Plano Diretor de Florianópolis como representante da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) Samuel Steiner dos Santos, 36, acompanha de perto as discussões sobre o anteprojeto que deverá ser encaminhado à Câmara de Vereadores e o processo de judicialização iniciado durante a gestão passada. O professor do departamento de Arquitetura, que

considera a legislação em vigor um “Frankenstein”, afirma que atualmente há um “sentimento de desconfiança generalizada”, por causa dos últimos 11 anos de discussões e polêmicas sobre o processo de participação popular. “A dinâmica foi acompanhando muito os ciclos eleitorais. A cada entrada e saída de prefeito as regras do jogo mudavam”, afirma Samuel. Para ele, um bom plano diretor deve resultar de um acordo que dê legitimidade à lei e que inclua questões estruturantes. ●

Samuel afirma que anteprojeto que está em discussão é o “plano possível”



Samuel Steiner dos Santos ■ Representante da UFSC no núcleo gestor do Plano Diretor

Por que a discussão do Plano Diretor está tão emperrada e judicializada?

Tivemos três planos anteriores: 1955, 76 e 97. Todos eles, tirando o de 97, foram feitos dentro de gabinetes. Apesar dessa concepção técnica, no entanto, tínhamos uma estrutura de planejamento urbano relativamente robusta até a década de 1980, com o IpuF. Foi entrando em declínio depois disso, com esvaziamento técnico, financeiro e falta de repercussão dentro da estrutura de governo. Perdeu influência. O que inicia na década de 2000 é uma crítica muito forte sobre a falta de operacionalidade dos planos. O conhecimento competente, técnico, não era capaz de fazer com que a cidade crescesse daquela forma porque recebia várias influências. Era desvirtuado na Câmara de Vereadores, no Executivo e o que tinha de conteúdo técnico se perdia. É nesse cenário que surge a ideia da participação, como uma forma de discussão das possibilidades contrastantes de desenvolvimento.

Nesse período entra o Estatuto das Cidades, que dá um prazo para a elaboração dos planos pelos municípios?

Sim, foi aprovado em 2001 e obrigava as cidades a elaborarem, em cinco anos, planos diretores participativos. Florianópolis começa em junho de 2016, dois meses antes do prazo final, com a perspectiva de terminar o plano em três meses. O processo já começa com a corda no pescoço, com uma dinâmica de participação relativamente

ampliada, mas rompida unilateral por parte do gestor seguinte. Acho que isso está na origem de tudo o que a gente está vivendo hoje. A dinâmica, da participação dos vários agentes foi acompanhando muito os ciclos eleitorais. A cada entrada e saída de prefeito as regras do jogo mudavam.

O ideal que seja uma política de Estado, e não de governos, certo?

Sim. Daí a gestão de Cesar Souza Jr dá uma reestruturada no IpuF, contrata alguns técnicos, com o comprometimento de determinar o plano no primeiro ano. Foram realizadas algumas discussões, mas a finalização foi muito apodada. As pessoas sugeriram coisas que não foram incorporadas ao plano. Foi feito uma audiência pública final em outubro de 2013 e no dia seguinte o projeto foi enviado aos vereadores. E na Câmara houve uma das dinâmicas mais tristes em Florianópolis com relação à aprovação de uma lei. Passou em três comissões durante uma semana, sem mapas de zoneamento, e recebeu 300 emendas do Executivo depois mais 300 do Legislativo. O resultado foi um Frankenstein e, por isso, começou o processo de judicialização. A Justiça obrigou o plano voltar a ser discutido na versão anterior à entrada na Câmara, em 2013, e refazer mais 13 audiências públicas.

Por que a fase atual é alvo de críticas?

Há um certo sentimento de desconfiança generalizada. Por causa do histórico. Os

representantes distritais não conseguem enxergar o IpuF como um órgão capaz de traduzir num plano coerente as suas expectativas. Outra coisa muito forte é que as regras do jogo mudam muito rapidamente, de uma semana para outra. Uma época o papel do núcleo gestor era só definir processos, depois transbordou para a discussão de conteúdo. O IpuF está elaborando a quinta minuta. São cinco versões. Tem um clima de incompreensão tão forte sobre o conteúdo que parece muito difícil visualizar um encaminhamento pacificado.

O projeto que está surgindo aponta uma direção para a cidade ou é fragmentado por demandas pontuais de cada região?

É um plano possível dentro desse processo de 11 anos. Tem questões fundamentais nunca discutidas, como a influência de Florianópolis no contexto urbano mais amplo dos municípios vizinhos.

Como deve ser um bom Plano Diretor?

Primeiro, que resultasse de algum acordo, que tivesse legitimidade. Mais do que o conteúdo, o processo. Que não fosse algo que pudesse ser manipulado e transformado a cada mês de acordo com a vontade de um vereador. Em relação ao conteúdo, tem questões estruturantes. A questão ambiental é fundamental, saber negociar onde é possível urbanizar, impor limites de acordo com a capacidade instalada e projetada de suporte de água e de esgoto.

“

Na Câmara houve uma das dinâmicas mais tristes em Florianópolis com relação à aprovação de uma lei. O resultado foi um Frankenstein e, por isso, começou o processo de judicialização.”

“Tem um clima de incompreensão tão forte sobre o conteúdo que parece muito difícil visualizar um encaminhamento pacificado.”

“Tem questões fundamentais que nunca foram discutidas.”

Notícias do Dia

Contracapa e Panorama

"Audaces: a empresa que mudou a história da moda"

Audaces: a empresa que mudou a história da moda / Brasil / Santa Catarina / Confeção / Tecnologia / Exportações / Inovação tecnológica / Claudio Grandó / Jorge de Paula / Ricardo Cunha / Tecnologia 4D / Audaces Neocut / Curso de Ciências da Computação / UFSC



JANINE ALVES

Audaces, a empresa que mudou a moda.

Página 14



Panorama

14. NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SEGUNDA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 2017

JANINE ALVES
janine.alves@noticiasdodia.com.br



AUDACES

A EMPRESA QUE MUDOU A HISTÓRIA DA MODA

Durante muito tempo o Brasil foi dependente da exportação de commodities, produtos básicos com pouca ou nenhuma agregação de valor. O país também era dependente da importação de máquinas e equipamentos para o desenvolvimento da indústria local. Nessa época, Santa Catarina figurava com um das mais importantes parques têxteis do país. O setor era totalmente dependente da importação de sistemas e equipamentos para automatizar as

indústrias de confecção. Mas, a partir da entrada da Audaces no mercado a história começou a mudar, pelo menos para o setor da moda que hoje exporta também tecnologia. No início dessa trajetória, a Audaces se destacou por produzir tecnologia fácil para usar, fácil para aprender e fácil para manter. As soluções que vinham de fora do país eram embutidas em produtos complexos, que exigiam muito treinamento. O suporte e a manutenção desses produtos também vinham de fora. ■



Ricardo Cunha e Claudio Grandó, fundadores da Audaces

50%
dos clientes espalhados por mais de 70 países

Exportações

■ Referência mundial em inovação tecnológica para o mercado da moda a empresa exporta softwares e produtos para mais de **70 países**. De forma estratégica, a Audaces começou a exportar em **1996** com o foco na Argentina e Espanha e hoje seus produtos estão em quatro continentes. A partir da Argentina, avançou por toda América Latina, onde é líder de mercado. Na Europa, depois de Espanha e Portugal, expandiu as exportações para Itália, Polônia, Alemanha e países do leste europeu. Na África, os produtos estão presentes no Egito e em Marrocos. E na Ásia, a empresa está na Índia, China, Bangladesh, Paquistão e reconhece que é o continente como maior potencial para expansão dos negócios.

Inovação

■ Os **gestores da Audaces** gerenciam um portfólio de inovação com projetos disruptivos que podem ou não virar produtos de sucesso e dois portfólios de inovação na linha atual, possibilitando a atualização em termos de necessidades dos clientes e novas tecnologias. Isso acontece tanto em máquinas e equipamentos como em sistemas. ■ **R\$ 12 milhões** estão previstos para investimento em pesquisa e desenvolvimento de máquinas e sistemas para os próximos 24 meses. "Investimos continuamente em pesquisa", diz Claudio Grandó, presidente da Audaces. ■ **A Audaces é uma empresa conectada no futuro**, na internet das coisas e na indústria 4.0. Nas palavras de Jorge de Paula, diretor de Marketing, "a atualização do parque industrial das confecções para a adoção de máquinas inteligentes é um caminho sem volta. A Indústria 4.0 exige que máquinas estejam sempre um passo à frente, indicando soluções e melhorias nos processos."

Produtos

■ **Audaces 360** é um sistema com a tecnologia 4D que atua desde a inspiração até o sucesso de comercialização da coleção, permitindo que o projeto original seja realizado em três dimensões em um manequim virtual. A Audaces Neocut faz parte de um seleto grupo de máquinas do processo produtivo de moda, que utiliza de maneira inteligente a tecnologia de IoT e que está preparada para assumir seu lugar de destaque na Indústria 4.0. ■ **A premissa da IoT é conectar máquinas à internet** e fazer com que elas possuam uma inteligência que irá ajudar na gestão e na produtividade da confecção.

Talentos

■ Os **Talentos da empresa são reconhecidos** e participam de programa de acompanhamento e desenvolvimento personalizado. Existe foco no desenvolvimento de equipes, na capacitação nas funções atuais ou objetivando promoções e atualizações legais. O Programa de Desenvolvimento de Lideranças - PDL que possibilita a consolidação dessa competência em todos que possuem cargos de gestão ou que queiram simplesmente se desenvolver. ■ **Audaces é uma empresa de Florianópolis**, fundada por Claudio Grandó e Ricardo Cunha, que desenvolve softwares e produz maquinários que proporcionam uma melhora na qualidade das peças e na produção das confecções, agregando diversos benefícios aos negócios do setor de vestuário. O sócio fundador Claudio Grandó, graduado em Ciência da Computação na UFSC, conhecia o funcionamento das pequenas empresas do polo têxtil e de confecção de Blumenau. Ele identificou uma oportunidade de negócios, criou a Audaces em janeiro de 1992 e entrou na Incubadora Celta em 1997.

40%

dos colaboradores estão participando do Programa de Desenvolvimento de Lideranças em 2017

Crescendo na crise:

10% é a previsão de aumento do faturamento em 2017 e 11% foi o crescimento no ano passado.

Alguns Prêmios:

- Talentos Empreendedores Sebrae
- Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador
- Innovation Award IMB (Alemanha)
- Prêmio FINEP de Inovação

Cacau Menezes "Vale conferir"

Vale conferir / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Redes sociais / Instagram



Diário Catarinense Cacau Menezes "Fino"

Fino / Shows / Centro de Cultura e Eventos / UFSC / Ana Carolina / Camerata / Lenine / Milton Nascimento

FINO

Segundo semestre está batendo à porta, e Florianópolis tem uma leva de bons shows a caminho. Confira uma seleção só com o fino da bossa:

- ✓ **12/08:** Ana Carolina, no Centro de Eventos da Ufsc. Ingressos a partir de R\$ 160
- ✓ **8 e 9/09:** Camerata
Florianópolis convida Lenine, no Centro de Eventos da Ufsc. Ingressos a partir de R\$ 110 no Blueticket
- ✓ **16/09:** Milton Nascimento, no Centro de Eventos da Ufsc. Ingressos a partir de R\$ 200
- ✓ **07/10:** Vanessa da Mata, no teatro do CIC. Ingressos a partir de R\$ 180
- ✓ **13/11:** Madeleine Peyroux Trio, no teatro do CIC. Ingressos a partir de R\$ 180

Notícias do Dia

Fabio Gadotti

“Judicialização”

Judicialização / Plano Diretor / Debate / Núcleo Gestor / UFSC / Professor / Samuel Steiner

Judicialização

Antes do envio à Câmara, em agosto, discussão sobre o anteprojeto do Plano Diretor vai exigir um debate franco e maduro entre todos os atores envolvidos. Sem isso, persistirá a judicialização. A avaliação é do professor Samuel Steiner, representante da UFSC no núcleo gestor. Ele fala mais sobre o assunto em entrevista na página 23 desta edição.

Notícias do Dia

Fabio Gadotti

Escola de Extensão / UFSC / Minicurso / Virando o jogo, explorando limites pessoais / Magda do Canto Zurba

A Escola de Extensão

da UFSC promove no dia 8 a segunda edição do minicurso “Virando o jogo, explorando limites pessoais”, ministrado pela psicóloga Magda do Canto Zurba. A ideia é estimular a reflexão sobre a forma como se vive e o potencial de cada um para promover mudanças.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Vale conferir](#)

[Fino](#)

[Amurc oferece curso de Imprensa e Comunicação](#)
[Alunos da UFMT visitam Sapiens Parque para conhecer projeto](#)
[referência em inovação](#)